

Importunação e assédio no estágio supervisionado em música: naturalização e sujeição *versus* intervenção no ensino médio

Comunicação

GTE 14 - Gênero e sexualidade na Educação Musical

Ana Clara da Silva Ponciano

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

claraponciano9@gmail.com

Ana Gabrielly de Sousa Monteiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

gabrielly.monteiro.074@ufrn.edu.br

Mariana Araújo da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

arjmari@outlook.com

Mário André Wanderley Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

mario.andre@ufrn.br

Pamella Carneiro Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

pamellacs89@gmail.com

Theresa D'ávila Feitosa Alves

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

theresafeitosaa@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de um estudo que investigou as experiências de desconforto vividas por quatro licenciandas em música durante o estágio supervisionado no ensino médio. O objetivo foi desvelar casos de importunação e assédio sofridos por essas estagiárias, refletindo sobre as implicações dessas experiências para seu bem-estar, bem como para seus objetivos acadêmicos e profissionais. Os relatos das estagiárias, matriculadas em uma universidade pública no Nordeste do Brasil, foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam comportamentos que, naturalizados pelo machismo estrutural, impactam a formação e a futura atuação dessas futuras professoras. Ao dar visibilidade e problematizar as violências presentes no ambiente escolar, este estudo busca

fomentar reflexões que estimulem a denúncia de casos, ampliem o suporte às vítimas e promovam políticas e ações educativas preventivas, centradas no respeito e na ética.

Palavras-chave: Estágio supervisionado em música; Ensino Médio; Importunação e assédio.

I. “Pergunta nada a ver: o que a gente faz quando um aluno faz isso?”

Este trabalho emerge da inquietação gerada pela pergunta acima, feita por uma licencianda em música durante uma sessão coletiva de orientação de estágio. A estudante buscava orientação sobre como lidar com importunações de adolescentes em escolas de educação básica – uma situação que ela mesma vivenciou e que, posteriormente, descobriu ser comum entre outras estagiárias.

O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação de professores/as, possibilitando uma práxis que se complementa com os aspectos teóricos dos cursos de graduação. Contudo, alguns desses aspectos parecem carecer de abordagem. Relatos de licenciandas em música sobre assédio e importunação sexual por parte de alunos do ensino médio ressaltam a necessidade de abordar, de maneira atenta, violência de gênero tanto na educação superior quanto na educação básica, reconhecendo a complexidade das dinâmicas de socialização nesses contextos.

A cultura escolar e os padrões de socialização exercem influência significativa nas interações no contexto da educação básica. Quando adolescentes do ensino médio se envolvem em comportamentos de assédio ou importunação sexual, isso reflete aspectos culturais mais amplos que toleram ou até incentivam a objetificação de corpos e a perpetuação da violência de gênero. Portanto, é imprescindível que intervenções pedagógicas problematizem, conscientizem e sensibilizem os estudantes, abordando temas como assédio e importunação, a fim de promover uma cultura escolar que valorize a igualdade de gênero e o respeito, e combata violências.

2. Revisão bibliográfica

Nos últimos anos, observa-se um aumento no número de relatos de assédio e/ou importunação sexual no meio escolar, acadêmico e artístico. Embora a questão do assédio já tenha sido explorada em outros campos do conhecimento, ainda há uma lacuna significativa na literatura que discute essa problemática no contexto da música e da educação musical. Estudos sobre o tema na área de música são escassos (Mota *et al.*, 2022; Santos; Gerizani, 2018; Versehgi, 2018) e sugerem que a problemática é pouco abordada, inclusive no âmbito do estágio supervisionado.

Em uma análise sobre assédio na área de música, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Música (Grumus-UFRN) investigou essa questão no campo da música a partir de casos que ganharam repercussão através de veículos midiáticos. O estudo sugere que, ao longo dos anos, houve um aumento nas denúncias desses casos, não necessariamente por conta de um aumento das ocorrências, que possivelmente sempre foram altas, mas devido à maior visibilidade, desnaturalização e combate a comportamentos violentos (Mota *et al.*, 2022, p. 2).

Entender o que é assédio moral/sexual e importunação sexual é imprescindível para que o assunto seja devidamente problematizado e identificado. É essencial compreender que o assédio é uma forma específica de agressão, difícil de ser comprovada, que vem causando danos crescentes aos ambientes de trabalho e à convivência social, afetando a saúde mental e mesmo física das vítimas. (Moreira, 2016. p. 14)

O assédio moral é diferente do assédio sexual. De acordo com a Controladoria-Geral da União (CGU), o assédio moral envolve um comportamento prolongado com repetições ao longo do tempo, desestabilizando emocionalmente a vítima. Embora episódios isolados possam indicar dano moral, eles não configuram necessariamente assédio moral.

O assédio [moral] pode ser identificado por meio de condutas abusivas manifestadas através de palavras, comportamentos, ações, gestos ou escritos, que podem prejudicar a personalidade, a dignidade ou a integridade física ou psicológica de uma pessoa, ameaçar seu emprego ou deteriorar o ambiente de trabalho (Brasil, 2024).

Já o assédio sexual acontece por meio de “cantadas, insinuações constantes, piadas pejorativas com o objetivo de obter alguma vantagem sexual não concedida pelo assediado”, conforme a Cartilha de Prevenção e Combate ao Assédio Moral e Sexual no Ambiente de Trabalho (2023), divulgada pelo Ministério Superior do Trabalho.¹

E a importunação sexual, conforme Castro e Klement (2022), se caracteriza quando alguém provoca um ato de conotação sexual contra outra pessoa, sem o seu consentimento, com intenção de suprir a sua própria vontade, ou de terceiros, podendo ou não acontecer no âmbito do trabalho. Apesar de existir semelhança entre os termos, a diferença se dá na repetição. Enquanto o assédio são atitudes frequentes de constranger a vítima, a importunação é a ação na prática, o ato abusivo acontecendo. Ambos são considerados crimes² no Brasil conforme o artigo 216-A (Brasil, 2001) e 215-A (Brasil, 2018) do código penal e se enquadram na mesma categoria de assédio sexual.

Em 2018 foi publicado pelo Datafolha uma pesquisa sobre o ambiente de trabalho, onde indicava que uma em cada quatro mulheres na faixa de 16 e 24 anos já havia sido assediada. E que, dentre as 44 participantes, apenas 6 informaram saber a diferença entre assédio e importunação sexual. (Castro; Klement, 2022, p. 8-9) Diante dos dados apresentados, é imprescindível entender a importância de falar sobre este assunto, conhecer suas dimensões, como é vista perante a lei, saber identificar o fenômeno quando acontece, e estar ciente que existem leis de combate a esse tipo de violência pode ser um fator a se apoiar.

¹Cartilha de Prevenção e Combate ao Assédio Moral e Sexual no Ambiente de Trabalho. 24/01/2023. Disponível em: https://www.gov.br/mcom/pt-br/canais_atendimento/corregedoria/arquivos/copy_of_CartilhaAssdioMCom.pdf. Acesso: 11 ago. 2024.

²Menores de 18 anos são inimputáveis, ou seja, não podem ser condenados a penas pela prática de crimes. Dessa forma, quando uma criança ou adolescente pratica um ato que é previsto em lei como crime, ela está cometendo um ato infracional análogo ao crime e não o crime em si.

Santos e Gerizani (2018) discutem o assédio moral no ensino de música, caracterizando-o como um fenômeno que inclui ofensas, humilhações e constrangimentos, comuns em relatos de violências que ocorrem nas relações de ensino e aprendizagem. Essas situações foram vivenciadas por licenciandas em seus estágios (Santos; Gerizani, 2018, p. 3).

Verseghi (2018, online) aborda o assédio nas orquestras, onde as mulheres são minoritárias em espaços historicamente dominados por homens. As violências vão desde a seleção de músicos baseada em critérios de beleza até chantagens, perpetuando um ambiente de machismo nas práticas musicais.

Esses trabalhos destacam um padrão de silenciamento em nossa área. Portanto, este estudo propõe discutir a dimensão dessa violência em locais de estágio, onde licenciandas, apesar de ocuparem uma posição hierarquicamente superior em relação aos alunos, são frequentemente vítimas de assédio, refletindo a estrutura do machismo e patriarcado que permeia a sociedade e a educação.

A relevância de estudos como este reside na necessidade de dar visibilidade ao problema do assédio e da importunação no contexto educacional, particularmente durante o estágio supervisionado. Ao trazer à tona essas questões, contribui-se para a conscientização de toda a comunidade acadêmica sobre a gravidade destes comportamentos e as consequências que eles podem ter na vida pessoal e profissional das futuras educadoras. Assim como a produção de conhecimento sobre essa temática, é essencial para embasar a formulação de políticas públicas e institucionais que visem prevenir e combater o assédio e a importunação nos ambientes educacionais.

De forma correlacionada, oferecer acolhimento, suporte jurídico e psicológico às vítimas de assédio/importunação, é uma das maneiras de prestar a assistência necessária. Em alguns casos, estas não são orientadas no local da agressão, tampouco em seu meio social, sobre as medidas a serem tomadas. Os sindicatos dos estagiários têm como finalidade principal garantir, representar e atender os interesses dos estagiários. É fundamental que este trabalho

aconteça em conjunto com organizações de direitos civis e instituições educacionais para desenvolverem e aplicarem políticas sobre essas práticas.

A escassez de pesquisas que abordem o assédio e a importunação em contextos de formação docente, especialmente no campo da música, revela uma lacuna que precisa ser preenchida com urgência. A complexidade dessas questões exige uma abordagem multifacetada, que inclua não apenas a análise de casos específicos, mas também a criação de estratégias que promovam ambientes de estágio seguros e respeitosos. A produção acadêmica, ao documentar e analisar essas experiências, oferece subsídios valiosos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e administrativas que priorizem a proteção e o bem-estar de licenciandas.

A literatura existente já aponta para a subnotificação e a invisibilidade do assédio em diferentes contextos acadêmicos, o que indica a necessidade de esforços contínuos para trazer essas questões. A realização de estudos longitudinais, que acompanhem as licenciandas ao longo de sua formação e durante suas carreiras poderia fornecer dados importantes sobre os efeitos duradouros do assédio e da importunação, além de avaliar eventuais intervenções implementadas pelas instituições de ensino.

3. Metodologia

A fim de investigar as experiências de desconforto de quatro licenciandas em música durante o estágio supervisionado no ensino médio, com ênfase na identificação de violências silenciosas e machismo estrutural, optamos, na pesquisa, pelo emprego de entrevistas semiestruturadas. Participaram do estudo quatro licenciandas que relataram desconfortos, em função de comportamentos de alunos durante estágio no ensino médio, em escolas públicas ou privadas. As quatro licenciandas selecionadas participaram de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente, para garantir um ambiente seguro e confidencial.

As entrevistas foram guiadas por um roteiro previamente elaborado. Inicialmente, as participantes foram saudadas e agradecidas por sua participação, e foi explicado o objetivo da

pesquisa e a importância de seus relatos. Garantimos a confidencialidade e o anonimato das informações fornecidas. Coletamos dados demográficos, como idade, ano de graduação, instituição de ensino onde realizaram o estágio, tempo de duração do estágio e uma breve descrição da escola onde o estágio foi realizado.

Durante as entrevistas, as participantes descreveram as atividades realizadas no estágio supervisionado e relataram suas interações com os/as estudantes do ensino médio. A parte central das entrevistas abordou situações de assédio ou importunação vivenciadas durante o estágio. As licenciandas descreveram os comportamentos considerados assédio ou importunação, suas reações imediatas e os sentimentos diante dessas situações. Também investigamos se buscaram ajuda ou suporte após os episódios e se houve alguma intervenção por parte da instituição de ensino ou dos supervisores de estágio.

Além disso, as entrevistas contemplaram os impactos dessas experiências no bem-estar emocional, acadêmico e profissional das estagiárias. Finalizamos as entrevistas agradecendo a participação e reiterando a confidencialidade das informações fornecidas, reforçando nosso compromisso em utilizar os resultados da pesquisa para promover mudanças positivas no contexto do estágio supervisionado.

As considerações éticas foram rigorosamente observadas durante todo o processo. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e assinaram termos de consentimento livre e esclarecido, os quais foram arquivados em pastas virtuais de acesso restrito, junto com as gravações das entrevistas. As entrevistas foram conduzidas de maneira a respeitar o conforto e os limites das participantes, garantindo a confidencialidade e o anonimato das informações fornecidas. Portanto, não apenas os nomes das participantes foram omitidos neste trabalho. Foram omitidas, também, informações sobre a universidade, as escolas, os períodos de realização do estágio, bem como quaisquer informações que pudessem facilitar a identificação das colaboradoras.

4. Resultados e discussão

Os relatos das licenciandas em música revelam a presença de uma cultura de assédio e importunação no ambiente escolar, evidenciadas pelas atitudes de alunos do ensino médio. A análise destes relatos destaca a presença de comportamentos problematizáveis e a falta de suporte institucional, que agrava as experiências de desconforto das estagiárias.

No primeiro relato, a estagiária I, de 22 anos, descreveu um ambiente em que alunos faziam comentários sobre ela desde o início do estágio.

Eu tava no último ano da licenciatura em música, fazendo meu estágio obrigatório em uma escola básica, no ensino médio, né? Desde o começo, tava muito animada pra aplicar as coisas que tinha aprendido. Queria compartilhar e também queria me testar. Na minha terceira semana [de estágio], durante uma aula mais prática, né?, eu percebi que um grupo de alunos, que só ficavam cochichando no fundo da sala desde o início do estágio, riam de mim. Eu fui descobrir nesse dia que os cochichos eram sempre sobre mim. No intervalo, passando pelo corredor, ouvi um dos meninos do grupo falar: "Gostosa". Os outros riram e o rapaz olhou pra mim, sabendo que eu tinha ouvido. Fiquei desconfortável demais. Não sabia como reagir naquele momento. Falei com a professora supervisora e, pra minha surpresa, ela falou que "meninos são assim mesmo nessa idade" e que eu devia me impor. Saí de lá com receio de enfrentar a situação novamente. Comecei a faltar sem dizer na época por que eu tava faltando (Estagiária I, 2024).

A resposta da professora supervisora, que minimizou a gravidade do caso ao afirmar que "meninos são assim mesmo nessa idade" e sugerir que a estagiária deveria se impor, evidencia a naturalização desses comportamentos e a falta de apoio institucional. Essa resposta inadequada levou a estagiária a faltar ao estágio, refletindo o impacto negativo no seu bem-estar e no desenvolvimento profissional.

O corpo da mulher foi sendo constituído na sociedade ao longo do tempo, sob um olhar de objetificação, esse padrão é atravessado pela lógica do poder, controlando e dominando através da subjugação, do desrespeito e da restrição da liberdade da mulher. A fala da supervisora revela um olhar de naturalização diante do ocorrido com a estagiária, reproduzindo, mesmo que inconsciente, fatores que favorecem o ciclo de repetição desta

violência. Este pensamento revela uma manifestação cultural da sociedade patriarcal que se arrasta até os dias de hoje. (Santos; Neves; Reis; 2020 p. 155)

A falta de acolhimento da professora foi uma surpresa para a estagiária, uma vez que mulheres esperam uma rede de apoio vindo de outras mulheres, ou seja, sororidade. A decisão de relatar uma situação de assédio é difícil e dolorosa, também é um ato de coragem e requer confiança em quem irá ouvir. Nesse contexto, se naquele momento a aluna confiou na professora e ela não a acolheu, quem iria?

Partindo para outra análise, a atitude do grupo de rapazes revela que eles não estavam preocupados com as consequências de seus atos, e que por serem amigos, estavam seguros e compartilhavam da mesma intenção de continuar coagindo a estagiária. Ao agirem desrespeitosamente na sala de aula e em outros espaços da escola, potencialmente poderiam fazer o mesmo com as colegas de classe, alunas de outras turmas ou com outras mulheres em qualquer ambiente.

O segundo relato descreve um caso de assédio nas redes sociais, em que um aluno inicialmente começou a seguir e curtir as postagens da estagiária 2, de 20 anos, evoluindo para o envio de mensagens privadas e fotos.

Sou estagiária em uma escola particular, né? E eu sempre mantive uma relação respeitosa e... e profissional com meus alunos. Só que depois de uma apresentação [apresentação musical na escola]... conversei com um aluno sobre essa apresentação, que ele participou, e elogiei. Depois, ele começou a me seguir nas redes sociais. No início, achei normal. Primeiro ele só curtia o que eu colocava. E curtia tudo. Qualquer coisa que eu colocasse na... no Instagram ele curtia. Até aí, tudo bem, né?! Tudo bem não... Me incomodava um pouco... Mas tudo bem. Mas aí, depois, começou a me enviar directts [mensagens privadas], com elogios, que foram ficando, sabe?, mais físicos... Não só... Ele começou a me enviar fotos dele, até sem camisa. Ai, parei de responder e, depois, resolvi foi bloquear o perfil dele. Tenho certeza que depois ele criou uma outra conta que começou a me seguir. Me dava “oi” do nada. Conversei com umas amigas... Aí, eu relatei o problema pra coordenação da escola, esperando que tomassem alguma atitude. Sugeriram só que meu perfil ficasse no privado e evitasse aceitar alunos nas minhas redes sociais. Me senti desprotegida. Era como se a única responsável por minha segurança fosse eu, sabe?, por minha privacidade. Essa experiência me incomodou um pouco e fiquei: “vou dar aula só pra crianças pequenas... pra educação infantil”. (Estagiária 2, 2024).

A resposta da “coordenação da escola”, que sugeriu que a estagiária tornasse seu perfil privado e evitasse aceitar alunos nas redes sociais, transferiu a responsabilidade da proteção para a própria estagiária. Esse caso destaca a necessidade de políticas institucionais claras para orientar o uso de plataformas digitais, além de suporte adequado a vítimas de situações que transcendem o espaço escolar.

O episódio vivenciado por esta estagiária afetou a escolha de qual etapa de ensino da educação básica ela pretende lecionar. A identificação com o infantil, fundamental ou ensino médio, faz parte da subjetividade de cada licenciando. No entanto, após essa experiência traumática, ela considerou a educação infantil como uma opção segura para não ser assediada por alunos. A partir disso, surge a reflexão de que situações como essas vivenciadas no ensino médio, podem distanciar futuras professoras, fazendo com que elas cogitem atuar na educação infantil, como também é o exemplo do próximo relato.

No terceiro relato, a estagiária 3, de 25, enfrentou comentários e comportamentos sexistas dos alunos, como batucar ritmicamente enquanto ela se movia.

Eu já tinha percebido que alguns alunos, logo depois de olharem pra mim, riam e comentavam, né? Aí começaram a fazer coisas quando eu me movimentava, me mexia. Começavam a batucar um... era meio que um samba quando... quando eu andava. Quando eu parava de me mexer, eles paravam [de batucar]. Era tão desconfortável, mas tentava manter a... compostura, né?, e continuava [com as atividades]. No dia que eu vi um bilhete na minha mochila, assim que cheguei em casa, né?, resolvi falar com a direção. Olha, me arrependi tanto. Falaram que se usasse roupas mais discretas talvez resolvesse o problema. Entende? Saí de lá me sentindo culpada. Essa experiência me faz... é... considerar se trabalharia no futuro no ensino médio (Estagiária 3, 2024).

Ao buscar ajuda na direção da escola, recebeu a sugestão de usar roupas diferentes, mais discretas, que, supostamente, não provocariam comportamentos inadequados dos alunos. Essa resposta levou a estagiária a sentir-se culpada e até mesmo repensar sua atuação profissional, evidenciando o impacto que a falta de suporte institucional pode ter nas decisões profissionais e no bem-estar emocional das estagiárias.

O arrependimento da estagiária deve-se ao fato de que nenhuma providência foi tomada, além do desgaste emocional e sentimento de culpa que lhe foi atribuída. Se a escola não reconhece a conduta desrespeitosa dos estudantes, pouco será o progresso para debater esta temática tão importante. Infelizmente, casos semelhantes a estes explicitam a desmotivação em realizar denúncias, tendo em vista a falta de suporte quando é preciso.

Quando a direção apresenta uma única solução, sendo ela sobre a vestimenta da estagiária, compreende-se que há uma conivência com as atitudes dos alunos, bem como a culpabilização da vítima. A direção precisa estar preparada para resolver conflitos no ambiente escolar, porém este relato evidencia o despreparo e a fragilidade em lidar com o assédio em sala de aula.

No quarto relato, a estagiária, de 21 anos, descreveu um incidente durante uma aula em que alunos fizeram piadas de duplo sentido.

Tava estagiando na escola estadual, né? Durante uma aula com instrumentos alternativos, alguns alunos, do nada, começaram a fazer piadinhas de duplo sentido. Eu escutei e cheguei mais perto para que parassem, porque tava constrangendo as meninas. Aí, tinha um violino na carteira de um deles, feito de papelão, que eles falaram que poderia ser um violino ou eu. Aí um falou: “tanta faz. ”. E o outro complementou: “a gente vira a cara e mete a vara”³. Eu fiquei paralisada por um segundo, como se não tivesse entendido, enquanto sentia não sei quantas mãos nas minhas costas. Eu encolhi e pensei: “isso aconteceu mesmo?”. Sai de perto e, depois de respirar um pouco, saí da aula faltando 10 minutos. Contei isso para três professores lá da escola e eles disseram que “os meninos não perdiam uma piada mesmo” e que era só eu dar uma bronca e continuar. Pra mim, tinha que ser algo muito além disso! Muito além! A verdade é que eu não soube o que fazer... e ainda não sei. Isso me bloqueou muito, muito mesmo, não só pelo que os alunos fizeram, mas pelo apoio que... que achei que ia receber e não recebi. (Estagiária 4, 2024).

A resposta dos colegas professores, que minimizaram a gravidade das piadas e sugeriram apenas dar uma bronca nos alunos, foi insuficiente e desconsiderou a seriedade do assédio. Essa falta de ação adequada e de suporte institucional deixou a estagiária paralisada e sem saber como lidar com a situação.

Para os três professores, a solução era “dar uma bronca e continuar”, mas para a estagiária e alunas que também estavam sendo constrangidas, certamente essa “solução” não seria o suficiente e não iria anular o que aconteceu. Mesmo que rapidamente houvesse uma punição para esses alunos, ainda assim, as piadas de cunho sexual e o toque físico nas costas continuariam sendo atos completamente inapropriados, e que devem ser tratados com seriedade.

Tais relatos, em que pese sejam poucos, revelam um padrão de minimização e naturalização dos comportamentos inadequados, além de uma transferência de responsabilidade para as estagiárias, tanto por parte de supervisores quanto de colegas. Essas experiências parecem ter implicações significativas no bem-estar emocional, acadêmico e

³ Referência à música “Mulher de amigo meu”, da dupla Caju e Castanha, que apresenta várias expressões de duplo sentido: <https://www.letras.mus.br/caju-e-castanha/72462/>

profissional das licenciandas, destacando a necessidade de uma formação que possibilite um enfrentamento dessas situações e de uma cultura estrutural que se manifesta no comportamento de estudantes do ensino médio.

5. Considerações

Os relatos das licenciandas revelam diferentes formas de importunação e assédio durante o estágio supervisionado no ensino médio. A análise destaca a naturalização de comportamentos inadequados e a falta de suporte institucional, agravando o desconforto e o impacto nas futuras professoras.

As consequências das vivências de assédio e importunação no estágio supervisionado são profundas e multifacetadas, impactando as licenciandas em diversas esferas de suas vidas. A sensação de desamparo e a falta de apoio institucional podem levar ao abandono do estágio, à desistência da carreira docente ou à internalização de sentimentos de culpa e vergonha. Esses efeitos negativos ressaltam a urgência de intervenções eficazes e de políticas que garantam a proteção e o bem-estar das estagiárias.

Diante dessa realidade, torna-se imprescindível que as instituições de ensino assumam um papel ativo na prevenção e no combate ao assédio e à importunação. Isso inclui a criação de protocolos claros para o atendimento de denúncias, a realização de treinamentos para professores e supervisores, e a implementação de programas de apoio psicológico para as vítimas. Além disso, é fundamental que as licenciandas recebam formação específica sobre como lidar com situações de assédio e importunação, de modo que estejam preparadas para enfrentar esses desafios no ambiente escolar.

A criação de espaços seguros para o compartilhamento de experiências, como grupos de apoio ou fóruns de discussão, também é uma medida que pode contribuir para o enfrentamento dessas questões. Esses espaços permitem que as estagiárias expressem suas preocupações e recebam suporte de colegas e profissionais capacitados, fortalecendo sua resiliência e sua capacidade de agir diante de situações adversas.

A educação musical escolar não se restringe ao ensino de habilidades musicais, mas visa também à formação integral dos estudantes, incluindo o desenvolvimento de sensibilidades éticas e morais. A discussão sobre assédio e importunação é essencial para promover uma cultura de respeito e igualdade, preparando os estudantes para interações saudáveis em todos os aspectos de suas vidas.

O presente estudo proporcionou uma reflexão sobre as experiências de licenciandas em música durante o estágio supervisionado no ensino médio, especialmente no que se refere à ocorrência de assédio e importunação perpetrados por alunos. Ficou evidente que o assédio e a importunação são problemas reais para as estagiárias, causando impactos significativos em seu bem-estar pessoal, acadêmico e profissional. Diante desse cenário, é imperativo que as instituições de ensino e supervisores de estágio se comprometam ativamente em promover um ambiente seguro e respeitoso, livre de qualquer tipo de violência.

Além de promover um ambiente educacional seguro e saudável, é fundamental que as instituições de ensino incentivem a produção de pesquisas que continuem a investigar as questões de assédio e importunação em contextos de formação docente. A ampliação do conhecimento sobre esses fenômenos pode embasar a formulação de políticas públicas mais eficazes e a implementação de práticas pedagógicas que garantam a dignidade e a segurança das futuras professoras.

A implementação de políticas claras, a realização de treinamentos e capacitações, e a criação de espaços de diálogo são essenciais para garantir que estagiárias em música possam realizar seu estágio de forma segura e enriquecedora, contribuindo para uma educação musical mais justa e inclusiva. Somente com uma abordagem integrada, que envolva todos os agentes da comunidade escolar, será possível erradicar o assédio e a importunação do ambiente educacional e promover uma cultura de respeito e igualdade em todas as esferas da educação.

Por fim, este estudo destaca a importância de uma abordagem na formação em música que não apenas desenvolva habilidades técnicas e musicais, mas também promova valores de respeito e ética. Somente assim poderemos garantir que estagiárias em música possam realizar

seu estágio supervisionado de forma segura, digna e enriquecedora, contribuindo para uma educação musical escolar mais justa e inclusiva.

Referências

BRASIL. Controladoria-Geral da União. *Assédio Moral e Sexual*. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cgu/pt-br/centrais-de-conteudo/campanhas/integridade-publica/assedio-moral-e-sexual>. Acesso em: 11 ago. 2024.

BRASIL. *Cartilha de Prevenção e Combate ao Assédio Moral e Sexual no Ambiente de Trabalho*, jan. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mcom/pt-br/canais_atendimento/corregedoria/arquivos/copy_of_CartilhaAssdioMCom.pdf. Acesso: 11 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001. Código Penal, sobre o crime de assédio sexual. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110224.htm. Acesso em: 11 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal) e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm. Acesso em: 11 ago. 2024.

CASTRO, Amanda; KLEMENT, Daniela Luana. Ser mulher: estratégias de sobrevivência à importunação sexual. *Revista Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 61, p. 144-174, 2022. DOI: 10.17058/barbaroi.v1i61.17637. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/16098>. Acesso: 11 ago. 2024.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos. *et al.* E quando o professor é o agressor? assédio e práticas violentas no campo da música/educação musical expostas em diferentes veículos de mídia. *In: XVI ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM*, 2022, Natal. Anais [...] Natal: ABEM, 2022. Disponível em: http://abemeducaomusical.com.br/anais_ernd/v5/papers/1369/public/1369-5597-1-PB.pdf. Acesso em: 7 abr. 2024.

MOREIRA, Thaís Borges. Assédios moral e sexual no âmbito dos estágios supervisionados: entre a sujeição e o aprendizado docente. 2016. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/48105>. Acesso: 31 jun. 2024

MOREIRA, Thaís Borges. *et al.* Assédio no âmbito dos estágios supervisionados: entre a sujeição e o aprendizado docente. *Revista Educar Mais*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 624–641, 2020. DOI: 10.15536/reducarmais.4.2020.1927. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1927>. Acesso em: 7 abr. 2024.

SANTOS, Ana Caroline Hessab dos; NEVES, Fernanda de Barros Camargo; REIS, Thais Leite. A objetificação dos corpos femininos: uma reflexão fenomenológica existencial. *Revista Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 154-160, 2020. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2311/1494>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SANTOS, Karla Maria Martins; GERIZANI, Marcela Conti. Assédio moral no ensino de música: uma investigação inicial com foco em ocorrências na educação musical. *In: XXVIII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 28, 2018, Manaus. *Anais [...]* Manaus: ANPPOM, 2018. p. 1-8.

VERSEHGI, Natália. *Assédio e Preconceito: Uma realidade oculta das orquestras*, jan. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@natliaversehgi/ass%C3%A9dio-e-preconceito-uma-realidade-oculta-das-orquestras-ccb08120a204>. Acesso em: 27 jul. 2024.